

# Nota de experiência: microprática como um caminho investigativo no ensino da cor pautado nos estudos de Josef Albers

Experience note: micropractice as an  
investigative path in the teaching of  
color based on the studies of Josef  
Albers

Nota de experiencia: la micropráctica  
como camino de investigación en la  
enseñanza del color a partir de los  
estudios de Josef Albers

**Raony Robson Ruiz<sup>1</sup>**

**Fabio Luis Savicki Henschel<sup>2</sup>**

**Jociele Lampert<sup>3</sup>**

1 Graduado no curso de licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) 2016, mestre na linha de Ensino das Artes Visuais na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) 2023. Doutorando a linha de Ensino das Artes Visuais na Universidade do Estado de Santa Catarina. lattes: <http://lattes.cnpq.br/0665626305542666> orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8154-0249> email: [raony.ruiz@hotmail.com](mailto:raony.ruiz@hotmail.com)

2 Mestrando em Ensino das Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/UDESC). É professor e artista visual, membro do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke, UDESC. Possui graduação em Artes Visuais pela UDESC (2018). Realiza pesquisas com ênfase no ateliê, processos pictóricos, processos gráficos e ensino das artes visuais. lattes: <http://lattes.cnpq.br/80564416181371>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5697-2592>, e-mail: [fabio.henschel@gmail.com](mailto:fabio.henschel@gmail.com)

3 Professora Titular na Universidade do Estado de Santa Catarina. Atualmente Professora Investigadora Visitante na FBAUL/CIEBA/ULISBOA. Doutora em Artes Visuais pela ECA/USP (2009). Atua no Mestrado e Doutorado em Artes Visuais PPGAV/UDESC. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/714998293123172>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0963-0925>. E-mail: [jocielelampert@uol.com.br](mailto:jocielelampert@uol.com.br)

## **RESUMO**

Neste texto buscamos apresentar os resultados de uma microprática realizada com base nos estudos da interação da cor de Josef Albers na Universidade Estadual de Londrina, para isto optamos pelo formato de uma nota de experiência. Para tanto, em um primeiro momento, evidenciamos o significado do termo microprática desenvolvido pelo Estúdio de Pintura Apotheke, assim como uma apresentação de alguns elementos da abordagem de ensino para as artes visuais desenvolvida pelo artista professor alemão Josef Albers. Em segundo momento, descrevemos a ação realizada e os resultados alcançados.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Josef Albers; Ensino das artes visuais; Artista Professor; Microprática.

## **ABSTRACT**

In this text we seek to present the results of a micropractice carried out based on the studies of the interaction of color by Josef Albers at the State University of Londrina, for this we opted for the format of an experience note. To do so, at first, we highlight the meaning of the term micropractice developed by Apotheke Painting Studio, as well as a presentation of some elements of the teaching approach to the visual arts developed by the German artist teacher Josef Albers. Secondly, we describe the action taken and the results achieved.

## **KEY-WORDS**

Josef Albers; Visual arts teaching; Teacher Artist; Micropractice.

## **RESUMEN**

En este texto buscamos presentar los resultados de una micropráctica realizada a partir de los estudios de la interacción del color realizados por Josef Albers en la Universidad Estatal de Londrina, para ello optamos por el formato de nota de experiencia. Para ello, en un primer momento, destacamos el significado del término micropráctica desarrollado por Apotheke Painting Studio, así como una presentación de algunos elementos del enfoque de enseñanza de las artes visuales desarrollado por el maestro artista alemán Josef Albers. En segundo lugar, describimos las medidas adoptadas y los resultados obtenidos.

## **PALABRAS-CLAVE**

Josef Albers; Enseñanza de artes visuales; Artista profesora; Microprática.

## Introdução

Este texto constitui-se de uma nota de experiência elaborada após a realização da microprática A interação da cor – estudos de Josef Albers, realizada no segundo semestre de 2022, na Universidade Estadual de Londrina – e objetiva apresentar reflexões sobre o conceito de microprática apresentando e comentando os desafios cromáticos realizados durante os dois dias desta ação. O termo microprática foi elaborado a partir dos estudos teórico e práticos desenvolvidas pelo Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke<sup>4</sup> da Universidade do Estado de Santa Catarina, coordenado pela professora Dra. Jocielle Lampert. Para tanto, em um primeiro momento iremos expor a fundamentação teórica que conceitua a ação – microprática – segundo autores membros do grupo Estúdio de Pintura Apotheke, sendo o segundo momento, apresentação das reflexões construídas após a microprática – A Interação da Cor: Estudos de Josef Albers – relacionando com os autores Dewey (1979; 2010) e Albers (1941; 2021) referenciais basilares para esta ação.

### **Microprática caminhos possíveis para uma experiência estética com e sobre cor**

O termo microprática exposto neste texto considera em sua essência que as ações que a estruturam são fatores agregadores e unificadores na relação teoria e prática, dando ênfase com isso aos seus contextos de realização: projetos de extensão para comunidade interna e externa do espaço acadêmico.

Compreendemos aqui que a conceituação do termo microprática em Cavallari e Lampert (2023), se dá no diálogo entre os seguintes autores e seus respectivos conceitos: Dewey (2010; 1979) com os conceitos de experiência e pensamento reflexivo, Sullivan (2005) com a noção de artista professor, Zeichner (2013) com o conceito de clínica de obra – e nesta microprática em específico incorpora-se também o conceito de desafios pictóricos propostos por Josef Albers (2021).

Os autores Cavallari e Lampert (2023), evidenciam que o objetivo de uma microprática não é o ensino de uma técnica artística ou a exposição de um manual estritamente prático e fechado para uma determinada ação. Na microprática busca-se desenvolver a maturação do processo criativo e o pensamento artístico através de desafios que demandam o exercício do saber/sentir/agir, assim como, a interação e a prática colaborativa entre os/as participantes na elaboração de soluções concretos aos problemas propostos. Para isto, é necessário a interrelação entre teoria e prática,

---

4 O Programa de extensão 'Estúdio de pintura Apotheke', coordenado pela Professora Dr.<sup>a</sup> Jocielle Lampert (jocielelampert.com.br), oferece oficinas, micropráticas, palestras, aulas abertas e residências artísticas, que envolvem a temática da pintura, para estudantes de Graduação, Pós-Graduação e comunidade acadêmica (e fora da UDESC), interessados na área de Artes Visuais, especificamente na linguagem pictórica. Desta forma, oportuniza um espaço para conhecimento e aprofundamento sobre determinadas técnicas e processo pictórico, bem como, conversas e trocas de saberes com artistas que tenham conhecimento e notoriedade no meio artístico

que segundo Lampert, Goulart e Facco (2020, p.4171)

Nesse entendimento, compreendendo-se a formação do artista professor, na qual há um método em que indivíduos e grupos usam um caminho indutivo e métodos performativos para encontrar e resolver problemas, avaliar e decretar mudanças, e criticar e criar novas práticas. Assim, micropráticas são instauradas como planejamento de uma aula, em que a prática artística instiga o estudante a resolver e formular problemas em um tempo de quatro horas ou similar e ocorrem no espaço do ateliê de pintura.

Corroborando com esta discussão, Cavallari e Lampert (2023), explicam que o Estúdio de Pintura Apotheke “[...] propõe ações didáticas e artísticas constituídas e contextualizadas no estúdio de pintura como espaço gerador de consonâncias formativas”, isto é, o estúdio de pintura é entendido como um laboratório em que problemas são elaborados, hipóteses e metodologias desenvolvidas e a prática é feita para alcançar uma resposta ao problema inicial. Este processo de teste e reteste, teoria e prática, evidencia a concepção de pensamento reflexivo elaborado por Dewey (1979), que compreende o movimento de pesquisa relacionado ao de experiência e, com isto, não tendo um fim, mas uma consumação. Dito de outra forma, experiência para Dewey (2010) é resultante da relação entre sujeito e mundo, podendo ocorrer de diferentes formas, dentre elas, a experiência inestética e a experiência estética. Nesta última, experiência estética, o sujeito interage com o mundo de forma completa (mente/ação/emoção) estando consciente da complexidade de suas ações ao longo do processo, fica evidente a ação realizada atrelada a um propósito direcionado ou orquestrado, um objetivo a ser alcançado.

Conclui-se uma obra de modo satisfatório; um problema recebe sua solução; um jogo é praticado até o fim; uma situação, seja a de fazer uma refeição, jogar uma partida de xadrez, conduzir uma conversa, escrever um livro ou participar de uma campanha política, conclui-se de tal modo que seu encerramento é uma consumação, e não uma cessação. Essa experiência é um todo e carrega em si seu caráter individualizador e sua autossuficiência. Trata-se de *uma* experiência (DEWEY, 2010, p. 110).

De outra forma, o inestético são ações mecânicas, acríticas, algo que se iniciam sem uma relação intrínseca do sujeito com o objetivo do processo, tendo seu interesse somente no resultado. Consideramos que toda ação pode ser estética ou inestética, a exemplo do ato de caminhar. Quando feito às pressas com o único intuito de se deslocar do ponto A para o ponto B, o caminhar será uma experiência inestética. Porém, se o caminhar for proposto com uma ação pensada, como propõe Ingold (2015), onde o caminhante segue com olhar atento para os elementos que estão evidenciados nesta ação e acrescenta-os ao seu processo, tornando-a uma experiência estética pois o sujeito desempenha um outro papel durante a caminhada – o de sujeito ativo e reflexivo.

Enquanto a experiência inestética possui um fim, isto é, cumpre-se o que é necessário (deslocamento de A para B), a experiência estética possui uma consumação,

ou seja, a conclusão alcançada para a situação inicial que instigou a ação do sujeito, pode ser satisfatória ou não para o indivíduo, mas este movimento desloca o sujeito de um ponto inicial para outro, ação esta que pode gerar outras dúvidas e desencadear outras pesquisas, outros problemas a serem solucionados. Nesta perspectiva, experiência estética e pensamento reflexivo se vinculam apresentando o **princípio de continuidade**, como denominador comum entre os dois. Neste princípio uma investigação – ou pesquisa – seja ela do âmbito que for – só terá um fim se deslocada da vida do sujeito, de outro modo, se contextualizada e continuada nas elaborações e contradições da vida, acarretará novas formulações de perguntas ramificadas a novas possibilidades de caminhos de investigação.

Compreender o estúdio de pintura como um laboratório, um espaço de pesquisa e solução de problemas – propício a ideia de continuidade, é uma proposição presente em Albers (1945), em que destaca que ser comum para as ciências naturais a elaboração de abordagens experimentais para a construção do conhecimento, onde campos como a química, biologia, física possuem perspectivas de desenvolver experimentos para comprovar um estudo teórico e estes podem ser de grande valia também para o campo artístico.

Neste texto, o artista professor adensa sua crítica a escolas que privilegiavam somente o estudo teórico na arte ou apenas o fazer artístico descontextualizado e livre de orientações claras e objetivas – *laissez-faire*. Albers defendeu o ensino de arte baseando-o na experiência, no estudo da percepção dos elementos da linguagem visual. Diferente das escolas progressistas que privilegiavam o livre fazer e retiravam do/a professor/a o trabalho docente ou das escolas tradicionais que privilegiavam o professor detentor de uma verdade que precisava ser transmitida para os/as estudantes, Albers (1945) promovia um ensino que relacionava teoria e prática em uma experiência contínua.

Esta concepção de ensino e de pensamento sobre o estúdio de pintura é englobada pelo termo *microprática*, e corroborando com Albers, evidenciamos o estúdio de pintura como um laboratório em que teorias sobre a percepção e imersão são elaboradas e desenvolvidas no mundo concreto, não somente de forma abstrata. Albers (1941), expõe que os desafios a serem propostos em uma aula precisam ser desenvolvidos com base nas experiências e investigações teórico/práticas do/a professor/a que os propõem, estes devem estar atentos e envolvidos com o tema, pois já o investigaram e experienciaram de diferentes formas, colhendo disto os mais distintos aprendizados. Albers (1941), evidencia que sem este planejamento, prática e cuidado, corremos o risco de uma aula – ou em nossa atualização, uma *microprática* – tornar-se apenas uma reprodução mecânica de um conhecimento, algo *livresco*. O artista professor destaca que

[...] nós podemos desenvolver melhor os outros, somente se nos desenvolvermos, e nós como professores não temos o direito de demandar dos nossos alunos aquilo que não somos aptos ou não temos o interesse de fazer nós mesmo (ALBERS, 1941, p.02, tradução nossa).

Entendemos aqui, que o ensino e a aprendizagem estão, segundo o artista professor, intimamente relacionado a partilha de experiências, e investigações elaboradas e testadas durante seu planejamento, durante suas práticas. Ou seja, a educação artística não se constitui de métodos de ensino reproduzidos mecanicamente, oficinas de ensino técnico estruturadas na transmissão de um saber de professor ao aluno. O ato de ensinar é complexo, exige estudo e preparação constante na elaboração de suas metodologias. Ele perpassa pelas experiências individuais, trocas e a partilhas entre indivíduos participantes e artistas professores

Com base nisto, podemos apresentar a concepção metodologia da microprática sistematizada em etapas, ou momentos que envolvem: **preparação, organização, contextualização, produção e avaliação.**

A etapa da preparação engloba aspectos como, a escolha de um tema, artistas, referências, metodologias a serem utilizadas, elaboração de desafios e prática artística elaborados pelo/a professor. Compreendendo que só ensinamos aquilo que praticamos e aprendemos previamente.

A organização compreende a construção e preparação de espaços e materiais, a ambientação física e conceitual. É através de um processo organizado que a ação ganha direcionamentos que possibilitam a sua realização mantendo foco e objetivos claros na microprática. Entendemos como relevante na elaboração de uma microprática a organização de uma cena pedagógica, uma mesa carregada de possibilidades de imersão ao tema ou assunto. Esta cena é concebida e construída como um espaço onde os/as participantes poderão ter contato com livros, imagens, obras, materiais, objetos e referências sobre o tema. Uma mesa repleta de "nutrição e provocação estética", um espaço que instiga a exploração dos sentidos físicos do corpo, que objetiva a troca de sensações, conexões e experiências dos participantes envolvendo-os ao tema através de uma composição elaborada pelo/a professor/a artista.

Na contextualização a microprática ganha seu tônus de adensamento teórico, nesta contextualizamos socialmente, historicamente, culturalmente artistas referências e conceitos que serão base para as ações da microprática.

Na etapa da produção os desafios são apresentados e propostos, nestes o foco não está no resultado final alcançado, mas considera o processo como principal momento de aprendizado, pois focamos na elaboração do pensamento plástico desenvolvido para tal resolução. Assim como Albers (1938), valorizamos a produção em um ambiente imersivo compartilhado em que os/as participantes dialogam entre si e constroem o conhecimento em conjunto

Nós enfatizamos os trabalhos em sala de aula, por que nós acreditamos que a influência de um estudante com outros estudantes, evocada nos trabalhos em sala de aula e na crítica mútua, é geralmente tão importante quanto a influência do professor (ALBERS, 1938, p.242, tradução nossa).

Ou seja, o/a professor/a não é um elemento centralizador do processo de ensino e aprendizagem, os participantes podem e aprendem entre si, sendo a microprática um local de partilha entre participantes.

Na etapa da avaliação, baseado nas concepções de Zeichner (2013) de clínica de obra, constrói-se um momento final de partilha inicial de resultados. Os trabalhos, exercícios, resultados e tentativas, ou seja, toda produção é exposta com intuito de ser analisada e comentada coletivamente. Os/as participantes são incentivados a compartilhar suas percepções e os eventos que marcaram sua relação com tema durante a feitura do desafio, sem o intuito de construir julgamentos baseados nos conceitos de melhor ou pior, nesta etapa da microprática, buscamos compreender os caminhos percorridos por cada participante, o impacto dos desafios no pensamento plástico desenvolvido ao longo processo. Como explica Dewey (1979) a comparação é elemento importante para o desenvolvimento do pensamento reflexivo, identificar e comparar outros caminhos percorridos, contribui para enriquecer a percepção do sujeito sobre determinada ação e, com isto, promover outros questionamentos e outras pesquisas.

Considerando estas etapas que apresentam e direcionam nossas reflexões a cerca do conceito de microprática, apresentamos nesta segunda parte reflexões elaboradas após realização de nossa microprática A interação da Cor – estudos de Josef Albers, realizada na Universidade Estadual de Londrina, no segundo semestre de 2022.

## **Caminhos de Preparação e organização**

Durante o ano de 2022, recebemos o convite para realizar uma microprática sobre estudos da cor na Universidade Estadual de Londrina, no qual optamos por desenvolver uma proposta direcionada aos desafios cromáticos propostos por Josef Albers no livro *A interação da Cor* (2021). Para tal, meses antes nos dedicamos a leitura e prática dos referidos exercícios entendendo que através desta prática imersiva germinariam ideias necessárias para uma boa proposta de trabalho com e sobre cor.

No livro citado, Josef Albers apresenta-nos treze desafios de interação de cor, sendo estes: 1- Uma cor tem muitas faces – a relatividade da cor; 2- Estudos de Gradação; 3- Fundos invertidos; 4- Subtração da cor; 5- Imagem consecutiva; 6- Mistura aditiva e subtrativa em papel (efeito de transparência); 7- Mistura óptica – o Efeito Bezold; 8- Intervalos de cor e transformação; 9- Intersecção; 10- Interação de cores a partir da quantidade; 11- A lei de Weber-Fechner; 12- Interação cores quente e frio; 13- Limites Vibrantes.

Nestes desafios, Albers (2021), teoriza e apresenta a cor como um elemento contextual, isto é, evidenciando que suas características visuais – matiz, valor, brilho – podem ser alteradas em sua percepção ao serem trabalhadas em diferentes composições e contextos. Para além dos elementos contextuais da cor, Albers propõe que, antes de ensinar teorias sobre cor, suas diferenciações ou os fatores de classificação usual entre cor luz ou cor pigmento, se faz necessário desenvolver um olhar atento e investigativo para as interações cromáticas existentes e seus contextos,

sendo assim necessária uma abordagem atenta educando o olhar, ou como na metáfora utilizada pelo artista professor, abrindo os olhos. Com esta metáfora o artista professor problematiza o ato de olhar, compreendendo que este não pode ser passivo, mas ativo, consciente, investigativo, isto ocorre, pois influenciado pelos estudos da Gestalt, Josef Albers detinha interesse no estudo da percepção dos elementos da linguagem visual.

Em seus estudos, Albers (2021), utiliza papéis coloridos justapostos ou sobrepostos, isto por que, este material possibilita a comparação e troca de elementos da composição de forma mais dinâmica, uma mesma cor, por exemplo, pode ser utilizada em diversas composições sem ter o risco de, no caso do mesmo exercício ser feito com tintas, a cor acabar na paleta. Para além disto, como destacado por Ruiz (2023, p.128)

ao usar o este material é necessário desenvolver o pensamento cromático para, ao olhar determinada interação de cor, interpretar o que está acontecendo. Por exemplo, quando colocamos um vermelho sobre um fundo preto e sobre um fundo branco podemos identificar como neste último temos a percepção de um vermelho mais escuro em comparação com o do fundo preto. Isto ocorre devido à interação da cor preta que absorve a luminosidade enquanto o branco a reflete, assim a cor acima destes fundos tem efeitos diferentes mesmo sendo idêntica. Desse modo, quando olhamos uma gravura como a do artista brasileiro Oswald Goeldi podemos pensar que o artista precisou considerar esta interação com o preto para conseguir o tom de vermelho desejado, tendo em vista que este tenderia a ficar mais claro devido à proximidade com a cor preta.

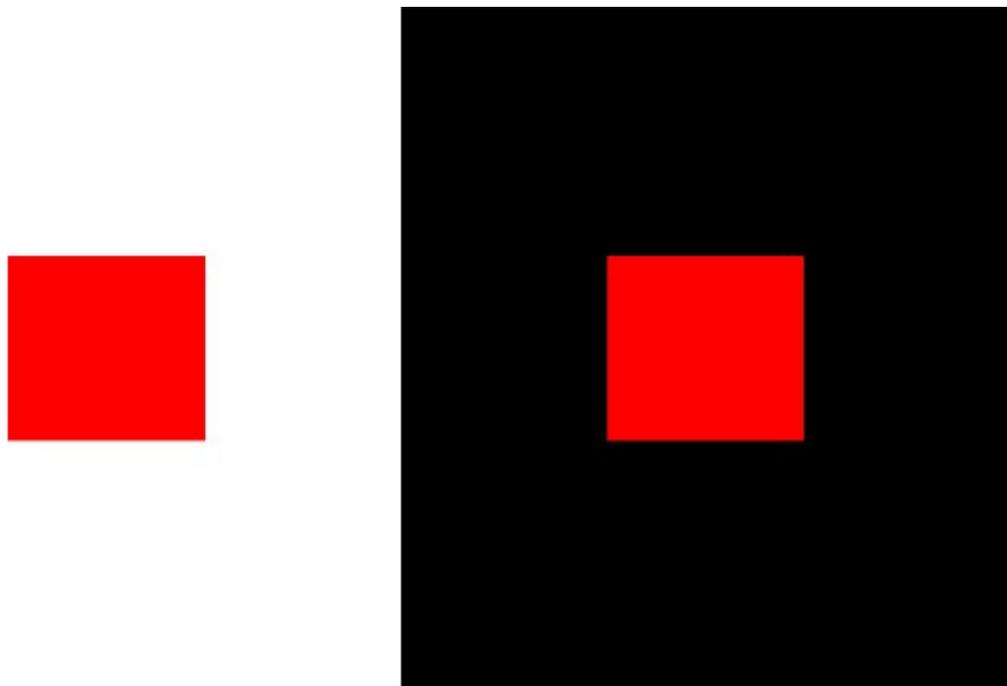


Fig. 1 - Interação da cor, 2022. Fonte: Acervo Estúdio de Pintura Apotheke.

Assim, o uso do papel como material contribui para a construção do pensamento plástico e pictórico e da análise da interação cromática. Com base nisto, durante nossos

estudos preparatórios para microprática realizamos desafios cromáticos direcionados aos estudos de Albers que se propunham obter o efeito de transparência entre cores, cores em fundos invertidos, subtração da cor, e por fim uma cor tem muitas faces.

Neste último ficamos interessados em buscar compreender o quanto poderíamos, ao trabalhar a percepção e o contexto da cor, alterar as características de uma cor (matiz, valor, brilho) mudando somente o fundo em que ela está inserida. Para este estudo constatamos que, se uma cor é mais desaturada, com pouco brilho este objetivo é alcançado com mais facilidade, levantando pista de possíveis escolhas para os desafios que iríamos propôr.

Um dos desafios que pensamos para a microprática, foi o de criação de uma composição para neutralizar uma cor que possui destaque natural dada suas características primárias. Neste desafio o objetivo de cada participante era criar uma composição que conseguisse mudar a intensidade de uma cor em relação ao seu contexto, reduzindo a intensidade do vermelho ou amarelo, cores que naturalmente dominam e direcionam o olhar quando presentes em uma composição. Em nossos estudos observamos um vermelho que isoladamente era saturado e sugeria uma temperatura mais quente poderia tornar-se frio e menos saturado ao ser inserido em uma composição com vermelhos ou laranjas mais intensos. Com este rearranjo do contexto deste vermelho conseguíamos o efeito perceptível de que a cor parecer a mais fria nesta composição, como este exemplo da imagem abaixo.

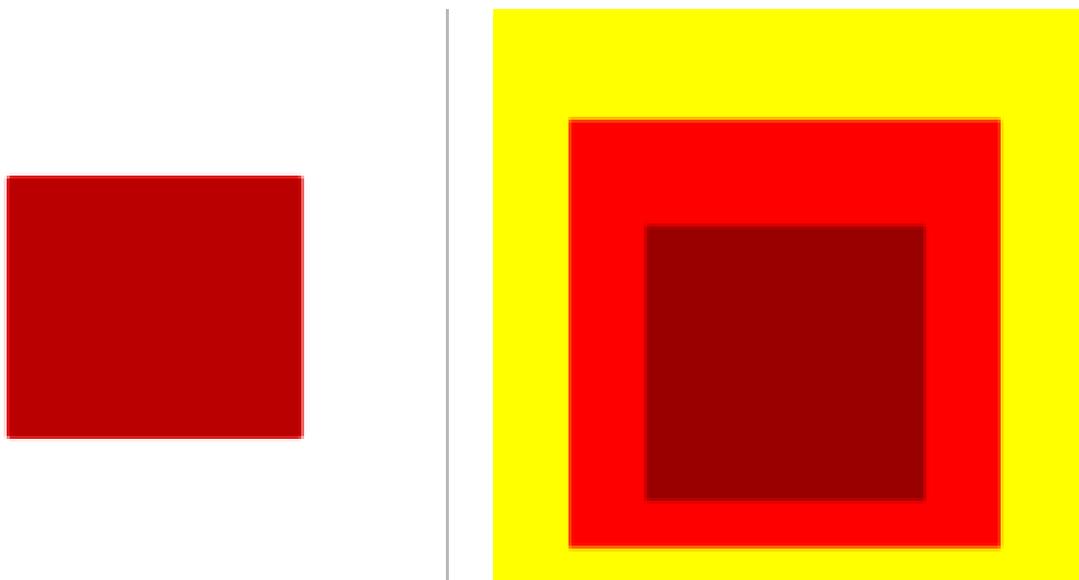


Fig. 2 - Estudos sobre cor, 2022. Fonte: Acervo Estúdio de Pintura Apotheke.

Outro desafio que instigou nosso interesse, foi o de gerar o efeito de transparência dado seu grau de dificuldade ao realizar misturas cromáticas apenas através da escolha entre papéis já coloridos. Para realizarmos este desafio foi necessário sobrepor três cores de papel, sendo que uma delas é a resultante da mistura das outras duas. Ao sobrepor a cor resultante sobre uma área de encontro entre as duas cores temos o efeito de transparência.

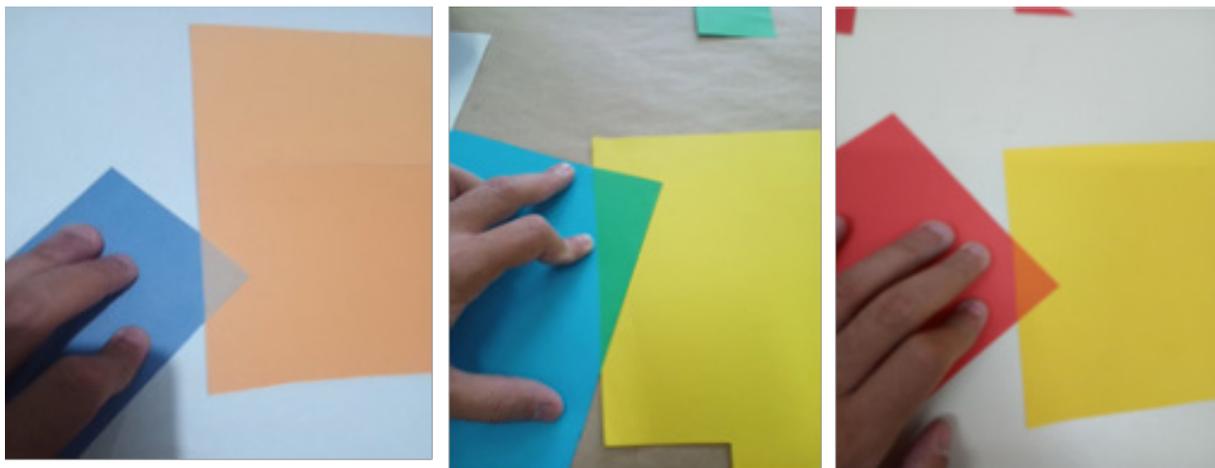


Fig. 3 - Estudo efeito de transparência, 2022. Realizados no ateliê de Pintura DAV-UDESC. Fonte: Acervo Estúdio de Pintura Apotheke

Na análise deste desafio compreendemos melhor o entendimento de Albers (1941) sobre a necessidade de o/a professor/a realizar previamente os desafios que irá propor para seus/as estudantes, pois, durante nossos estudos, percebemos que este desafio poderia ser encarado de duas formas, levando a diferentes possibilidades de resolução. Esta constatação só aconteceu após terminarmos nossos testes, fato que corrobora mais uma vez com os escritos de Albers sobre testar e experimentar antes de propor uma ação ou prática.

Na primeira possibilidade, partimos de duas cores iniciais e buscamos nos papéis as cores resultantes dessas, assim, notamos que estávamos realizando um processo de mistura de cores mentalmente. Porém, notamos uma segunda forma de realizar este desafio, mais complexa e desafiadora. Ao partirmos da cor resultante, e com base no estudo das suas características buscou-se encontrar as cores que a originaram esta mistura. Um exercício de decomposição da cor, uma prática menos intuitiva e mais racional, pois amplia a percepção da constituição da cor para além das possíveis misturas da sua composição.

Deste modo, escolhemos utilizar este desafio em nossa microprática para avaliarmos qual dos caminhos os/as estudantes escolheriam para resolve-lo. Isto é um exemplo de como a prática artística realizada pelo/a docente pode contribuir para o planejamento e avaliação da ação desenvolvida em sala de aula. Fica evidente que o amadurecimento dos desafios que incluímos em nossa microprática se consolidou graças a nossa imersão prática em entender e criar novos desafios e exercícios junto dos exercícios propostos por Albers. Se baseássemos a microprática apenas na leitura do livro pedindo aos participantes que reproduzissem o desafio tal qual Albers o fez, talvez não tivéssemos criado o devido adensamento no pensamento plástico e na interação entre as propostas de Albers e objetivos traçados para nossa microprática junto do princípio de continuidade.

Durante o estudo de transparência notamos também, a necessidade da criação de uma escala tonal, sendo este um desafio de apoio, de retomada dos conhecimentos prévios de cor de cada participante possui, um exercício que poderia contribuir para

se obter um melhor entendimento sobre a busca por transparências, ou qualquer outro exercício proposto por Albers. Entendemos que, ao produzir escalas tonais com papéis coloridos nossos olhos abrem-se com mais densidade, para avaliar, estudar, as características das cores e compreender sua posição em uma escala, entre suas versões mais claras ou mais escuras, os tons se organizam assim como os pensamentos amadurecem e geram novas conexões. Uma prática simples de reconhecimento e revisão tonal, mas que neste contexto torna-se ferramenta necessária para impulsionar uma nova investigação.

## **Microprática: Interação da cor – estudos de Josef Albers**

Viajamos de Florianópolis a Londrina para a realização da microprática nos dias 18 e 19 de agosto de 2022, na Universidade Estadual de Londrina. A microprática integra um conjunto de ações idealizadas pelo Apotheke em Rede<sup>5</sup>, sendo a UEL sede do Apotheke Londrina, grupo coordenado pelo Prof. Dr. Juliano Reis Siqueira. O grupo integra de forma ativa esta rede de troca no âmbito da pesquisa, ensino e extensão. Os participantes selecionados para a microprática são egressos de diferentes cursos da UEL – artes visuais, moda e artes cênicas – e membros da comunidade em geral interessados no estudo da cor, evidenciando o caráter de extensão universitária idealizado pela ação Apotheke em Rede.

Como já mencionado, a microprática inicia-se muito antes de sua etapa de imersão na prática, no fazer artístico. Ela diferencia-se de uma oficina, ou curso, pois considera em sua estrutura etapas importantes do processo que constituem a ação com o mesmo grau de importância dedicado ao fazer artístico. A montagem da mesa – ou se considerarmos todo o espaço, a montagem da “cena pedagógica” – é uma etapa fundamental para trazer aos participantes elementos necessários para nutrição estética e materialidades que envolvem o tema. E, foi nesta mesa/cena que ficaram dispostos todo nosso acervo composto por: livros e catálogos sobre o artista professor Josef Albers, materiais pedagógicos desenvolvidos pelo Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke sobre o artista professor, e os estudos cromáticos que desenvolvemos previamente.

Esta cena pedagógica atuou como um convite, nela os participantes puderam acessar de modo prévio os materiais. Através do olhar, do tato, das sensações, puderam formular suas primeiras dúvidas e impressões. Ao adentrar e participar da

---

5 Ampliando os territórios do Estúdio de Pintura Apotheke, o Apotheke em rede, configura-se em ações de pesquisa, ensino e extensão interdepartamentais, interinstitucionais envolvendo instituições nacionais e internacionais colaboradoras. Os coordenadores de tais ações são participantes do Estúdio de Pintura Apotheke e vinculam-se desde 2014 aos projetos de graduação e pós-graduação idealizados pela Profa. Dra. Jocielle Lampert na UDESC. São parcerias, que colaboram para um ensino público, gratuito e de excelência no âmbito de ensino, pesquisa e extensão universitária, com o objetivo de manter instituições abertas à comunidade interessada. Apotheke em rede trabalha e articula-se na colaboração, cooperação, interação e continuidade, princípios básicos de John Dewey, referência para os estudos da arte como experiência desenvolvido pelo grupo desde de 2013. / Disponível em: <https://www.apothekeestudiodepintura.com/apotheke-em-rede>.

cena pedagógica os sujeitos tornaram-se parte dela, ao manusear, comentar, duvidar e remodelar junto daqueles livros, objetos e estudos os participantes quebraram a inércia inicial de um primeiro momento com as cores, com Josef Albers.



Fig. 4 - Cena pedagógica construída para microprática “Interação da cor: estudos de Josef Albers”.  
Fonte: Acervo Estúdio de Pintura Apotheke

Em seguida, iniciamos nossa ação com a realização de um desafio. Separados em dois grupos, com um tempo de dez minutos, os participantes deveriam criar uma composição com um amarelo e outra com um vermelho – ambos extremamente saturados e iluminados – onde estes, não seriam os elementos mais vibrantes na composição. Precisavam encontrar cores e criar composições para transformar na percepção das características de um vermelho e amarelo vibrantes, dando protagonismo a outras cores a ponto de ofuscar a presença predominante destes duas matizes.

Além de compreender quais as relações e pensamentos os/as alunos/as iriam realizar, com base em seus conhecimentos prévios, com este desafio inicial buscamos apresentar ao grupo a ideia da cor como elemento contextual. Onde as escolhas compositivas de cada grupo, determinariam novas possibilidades de percepção sobre amarelo e o vermelho até então dominantes na mesa de papéis disponíveis para o desafio. Os dois grupos apresentaram bastante dificuldade em concluir o desafio, ambos concluíram que neutralizar amarelo e vermelho foi uma tarefa difícil. Ao trabalhar com as suas percepções mediadas e influenciadas pelas percepções dos outros membros do grupo isso ficava ainda mais complexo, o que nos ajudou evidenciando um outro ponto de discussão: existe uma singularidade na percepção cromática. Podemos nos aproximar de algumas conclusões, mas, a cor é percebida de diferentes formas por cada sujeito. Na imagem 05, momento da apresentação do desafio, e primeiras tentativas de neutralizar o amarelo.



Fig. 5 - Desafio de neutralização da cor. Microprática “Interação da cor: estudos de Josef Albers”.  
Fonte: Acervo Estúdio de Pintura Apotheke

Após a imersão na cena pedagógica, realização do desafio em dois grupos e breve análise dos resultados e percepções destes desafios a microprática caminhou para seu momento de contextualização teórica e conceitual tendo como centro o trabalho do artista professor Josef Albers. Através de uma fala mediada por imagens e slides, trouxemos ao grupo uma concepção da cor como elemento contextual elaborada por Albers. Apresentando e contextualizando Josef Albers, sua biografia, percurso docente e de produção artística no período em que foi professor na *Black Mountain College*<sup>6</sup>. Evidenciamos alguns pontos importantes da pedagogia de Albers para o ensino da cor evidenciando algumas escolhas de estudos e desafios propostos por ele e que nos ajudam na imersão e interação da cor ao relacionarmos com nossos processos criativos e investigativos no campo pictórico.

Como um segundo desafio para este primeiro dia de microprática propomos a criação de uma escala tonal utilizando papéis coloridos. Individualmente cada participante escolheu uma cor para trabalhar em seu desafio e através da gama de papeis disponível na mesa pode construir sua escala com o maior número possível de tons. Ao observar a construção das escalas percebemos que quando se fala de estudos cromáticos utilizando papéis até o exercício mais simples pode render bastante trabalho. Encontrar o tom pertencente a mesma matriz não foi uma tarefa simples, rendeu boas conversas e evidenciou muitas percepções a cerca das sutilezas e nuances da cor, seja em relação ao tom certo ou errado em uma escala tonal, ou a constatação de que nem sempre a escala construída com o maior número de variação tonal e a escala mais fiel em relação a matiz escolhida.

---

<sup>6</sup> Faculdade Privada Americana desenvolvida por instituição de ensino superior criada por John Andrew Rice (1888-1968), Theodore Dreier (1903-1997), Frederick Raymond Georgia (1892-1961) e Ralph Reed Lounsbury (1871-1933) em 1933 e teve seu fechamento no ano de 1957 devido a problemas financeiros.



Fig. 6 - Desafio escala de cor. Microprática "Interação da cor: estudos de Josef Albers". Fonte: Acervo Estúdio de Pintura Apotheke

Neste momento de clínica de obra conversamos sobre os resultados alcançados e as dificuldades dos/as estudantes com a proposta. Nessa ação pudemos notar como os estudantes tiveram dificuldade na diferenciação das cores, por exemplo, os olhos facilmente confundiam roxos avermelhados com roxos mais azulados em uma mesma escala tonal, ou cores que possuíam mais ou menos branco em suas composições, o que direcionou a conversa sobre as características das cores como valor, matiz, brilho e saturação.

No segundo dia de microprática direcionamos os desafios cromáticos lançando os seguintes questionamentos ao grupo: Uma cor pode parecer duas, quais arranjos compositivos são necessários para que isso aconteça? Como podemos conseguir efeitos de transparência entre cores apenas sobrepondo tons de papel colorido?

Na primeira parte deste segundo dia, optamos por aproximar ainda mais os estudos de Albers dos processos pictóricos contemporâneos, para tal apresentamos os artistas Anoka Faruqee (1972) e Julian Stanczak (1928-2017). Os artistas apresentados são bons exemplos de expansão e apropriação criativa de um estudo da cor crítico e reflexivo proposto Josef Albers. Fica evidente a presença de Albers nos trabalhos destes artistas, uma presença singular, que acontece não de forma clichê, mas através da investigação e do estudo teórico/prático maturado no processo pictórico, nas interações entre cores em suas paletas e suportes, e na complexidade dos tensionamentos cromáticos elaborada na singularidade das escolhas de cada artista.

Neste segundo dia de trabalhos investigativos percebemos a importância e as reverberações dos exercícios realizados no dia anterior. A criação de escala tonais foram amplamente utilizadas pelos participantes como estratégia de estudo no segundo dia, muitos criaram suas escalas como possíveis resultantes das misturas idealizadas para facilitar na busca por papéis com tons potenciais para criação de transparências. Notamos que as escalas neste segundo dia já apresentavam menos equívocos e falhas na interpretação de cor, matizes, valores, demonstrando um amadurecimento no olhar, no zelo das escolhas antes mais intuitivas. Ao tentar fazer "uma cor parecer duas"

conseguimos desenvolver uma conversa sobre a cor enquanto contexto e de como conseguíamos mudar as características perceptivas deste elemento da linguagem visual.



Fig. 7 - Desafio uma cor parece duas. Microprática "Interação da cor: estudos de Josef Albers".

Fonte: Acervo Estúdio de Pintura Apotheke

Outro desafio que realizamos foi o de realizar o efeito de transparência apenas pela sobreposição de cor, neste os/as estudantes escolheram por novamente o uso das escalas tonais como suporte, tendo em vista que facilitou na busca da cor resultante que realizaria o efeito de transparência.

Dado curto espaço de tempo para realização dos desafios observamos que poucos participantes optaram por realizar estudos de decomposição da cor para realizar seus estudos de transparência. Realizar misturas simples entre cores primárias, ou optar por as variações entre claros e escuros foram escolhas mais assertivas e de certo modo mais seguras pra alguns participantes. O que não invalida o processo, do contrário, trabalhar com papeis colorido por si só já um grande desafio, exige atenção em todas as suas possibilidades ou escolhas. Na imagem participantes montando suas composições de ilusão de transparência.

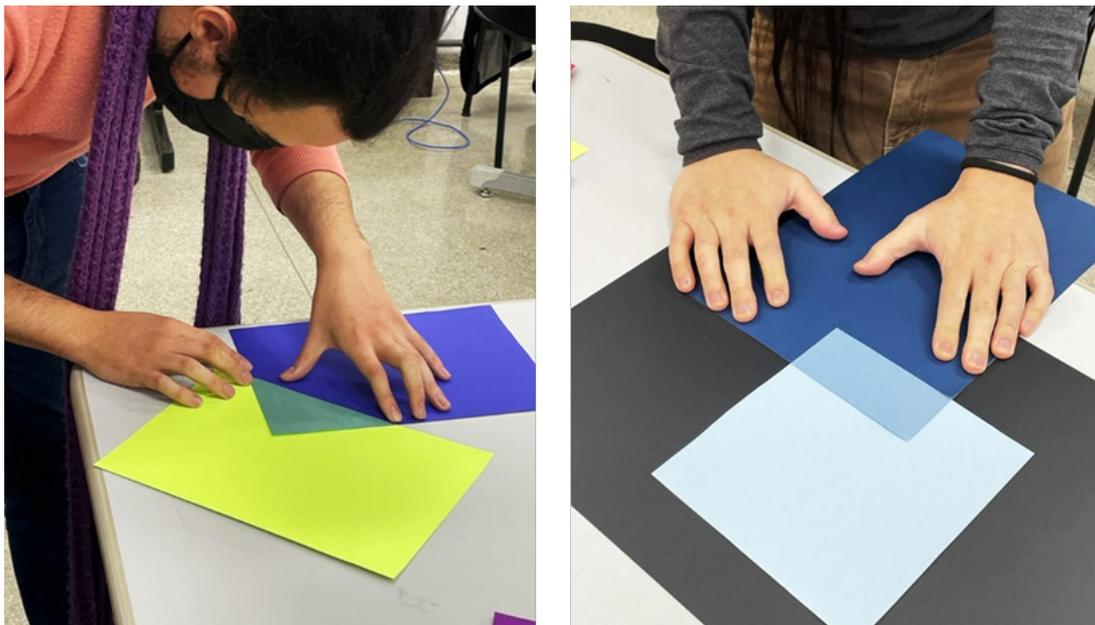


Fig. 8 - Participantes realizando desafio de construção de ilusão de transparência. Microprática "Interação da cor: estudos de Josef Albers". Fonte: Acervo Estúdio de Pintura Apotheke

Para finalizar a microprática, propomos um terceiro desafio de estudos de tradução de valores. Cada participante utilizando-se de uma imagem em preto e branco de uma pintura da série *Homenagem ao Quadrado*<sup>7</sup>, de Josef Albers. Com esta imagem cada participante deveria traduzir os valores tonais encontrando tons correspondentes nos papéis coloridos disponíveis na mesa. Após realizar a tradução, construir uma obra no mesmo formato proposto por Albers – quadrados sobre quadrados – utilizando como escolha de tons e matizes a paleta de cores presentes em seus próprios processos e trabalhos artísticos. Todavia, devido à falta de tempo não conseguimos finalizar esta etapa da microprática com a densidade que gostaríamos. Ao final do dia após a construção das paletas individuais, realizamos um momento de clínica final deste processo de microprática, os participantes puderam expor suas impressões e percepções compartilhando sobre como as metodologias de trabalho com as cores bem como as escolhas de contrastes e paletas se relacionavam com seus processos e poética bem como as referências que cada um segue em suas produções.

## Continuidades e percepções finais

Ao avaliarmos nossa experiência docente neste formato de microprática, compreendemos com mais propriedade a necessidade da interrelação entre teoria e

---

<sup>7</sup> A série intitulada "Homenagem ao Quadrado," de Josef Albers iniciou-se em 1950, quando artista tinha 63 anos. A produção da série perdurou por um período de 26 anos até o momento de seu falecimento, em 1976. Durante este período, Albers criou mais de mil pinturas e centenas de impressões, famosas por suas composições mínimas na sobreposição de três ou quatro quadrados em suportes de mesmo formato. O rigor e a disciplina empregados nesta série de trabalhos sistemáticos e obsessivos são reflexo da formação do artista e de sua dedicação inabalável aos princípios construtivos do movimento moderno.

prática, assim como a produção e experimentação artística do professor artista afeta a construção de seus planejamentos e metodologias ensino.

Na maturação de nossas investigações práticas embasadas nos estudos de Josef Albers adensamos e criamos desafios que objetivaram com sucesso um fazer contextualizado e crítico para o ensino da cor em suas nuances e particularidades. Compreendemos que uma docência construída partindo das experiências e experimentações práticas torna possível caminhos investigativos, e criação de espaços de prática crítica e reflexiva, oportunizando momentos de avaliação e autoavaliação significativos para o processo artístico individual e coletivo.

De forma geral, consideramos que em nossa microprática o resultado alcançado responde de modo positivo os nossos objetivos iniciais. Após a clínica final com todos os participantes conseguimos encontrar em seus relatos vestígios de um processo que ampliou referências de artistas e de uma discussão que foi pautada na cor, seus desafios e a importância dos estudos da interação da cor de Josef Albers para uma produção artística contemporânea.

## Referências

ALBERS, Josef. Teaching notes for a Drawing Course. **Documento Albers foundation**. Bethany. 1941, box 38, folder 32

ALBERS, Josef. Talk at General Meeting with Summer Institute Faculty and Students. **Documento Albers foundation**. Bethany. 1945, box 40, folder 09.

ALBERS, Josef. **A interação da cor**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

CAVALLARI, P. H. LAMPERT, Jocielle. Reflexões sobre o conceito de microprática. **Revista Apotheke**, v. 9 n.1 p. 11-28, abril 2023.

CAVALLARI, P.H. **Estúdio de pintura como campo da experiência estética**: Um estudo a/r/tográfico (dissertação de mestrado). UDESC-BU, 2021.

DEWEY, John. **Como pensamos**: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo, uma reexposição. São Paulo, editora Nacional, 1979

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LAMPERT, Jocielle; GOULART, Tharciana; FACCO, Marta. A pesquisa em arte na arte educação: reflexões sobre 'invenções' no ateliê de pintura, In: **Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26o**, 2017, Campinas. Anais do 26o Encontro da Anpap. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. P.4161-4174.

SULLIVAN, Graeme. **Art Practice as Research: Inquiry in Visual Arts**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005.

ZEICHNER, Kenneth M. **Políticas de formação de professores nos Estados Unidos: como e porque elas afetam vários países no mundo**. Autêntica Editora: Belo Horizonte, 2013.

**Submissão: 26/06/2023**

**Aprovação: 21/08/2023**